

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15328 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 24 - Arte, Educação, Linguagens e Tecnologias

MUNDO-ABRIGO: EXPERIMENTAÇÕES COM O CORPO E A ARTE NA EDUCAÇÃO

Fernanda Serrão Carneiro - UFPA-PPGEDUC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

José Valdinei Albuquerque Miranda - UFPA - Universidade Federal do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

MUNDO-ABRIGO: EXPERIMENTAÇÕES COM O CORPO E A ARTE NA EDUCAÇÃO

Resumo: O presente trabalho nasce de uma experimentação plástica e poética-corporal com a arte na educação. Trata-se da proposição artística intitulada “Mundo-Abrigo” inspirada pela instalação Penetrável Éden (1969), do artista-inventor Hélio Oiticica (1937-1980), uma obra que integra o seu circuito de arte ambiental e participativa, que envolve o corpo e a criação de arte, percepções de vida-mundo e desejos por meio da experiência supra sensorial. As tramas teórico-metodológicas se encontram nas proximidades do pensamento da diferença de Deleuze e Guattari e, com a cartografia, criam, percebem e catalogam as vivências, criações e saberes produzidos no interior da proposição Mundo-Abrigo. O corpo compõe um bloco de sensações formado por experiências visuais, táteis olfativas, auditivas, sensíveis que forjam um educar guiado pela percepção do ambiente, da criação com a arte e das relações político-sociais que o atravessam. Neste encontro entre arte e educação, o corpo é experimentado e potencializado para a além da sua capacidade cognitiva ou racional, produzindo conhecimentos no campo do sensível, do vivido com a potência das sensações em diferentes territórios do educar.

Palavras-chave: Arte-educação; experimentação; Hélio Oiticica; Instalação; Penetrável.

Introdução

Do Programa Ambiental, iniciado na década de 60 por Hélio Oiticica, com o processo de ambientação de suas obras, com ênfase na participação e na experiência supra sensorial, nasce o labiríntico Penetrável Éden (1969). Uma zona poética-inventiva criada em justaposição ao cotidiano em que não há roteiros, regras ou limitações para a vivência, apenas o campo, o corpo e a poética a ser experimentada em sua imanência.

Penetrar em Éden é experimentar um campo de sensações nas proximidades da

experiência em adentrar uma obra de Kafka na concepção de Deleuze e Guattari, um rizoma com múltiplas entradas e saídas que possibilitam a experimentação de inúmeros acontecimentos, descobertas e desejos, cenário em que “o princípio das entradas múltiplas impede, sozinho, a entrada do inimigo, o Significante, e as tentativas para interpretar uma obra que apenas se propõe, de fato, à experimentação” (Deleuze e Guattari, 2017). A questão “Como entrar na obra de Kafka?” quando desterritorializada para o labirinto Éden, de Oiticica, nos conduz a uma leitura das multiplicidades, da experimentação descentralizada e dos fluxos de criação que são produzidos no encontro com a arte-labirinto de Oiticica.

Ao ser convidado a penetrar a estrutura composta por diferentes materiais, como caixas, tendas, ninhos feitos de palha, molhar os pés na água e pisar na areia da praia, o participante – núcleo essencial da obra – é desterritorializado para uma experiência supra sensorial criada para explorar sensações e possibilidades e existência dentro da própria obra. O processo de criação dentro dos penetráveis se dá para além de concepções prévias do que o participante deve ou não sentir, trata-se uma experiência que parte do próprio indivíduo e opera coletivamente no espaço.

Figura 1. Vista parcial da exposição “*The Whitechapel experiment*”, 1969. Fotos de Ana Oswaldo Cruz Lehner e Guy Bret, respectivamente.



Foto: Itaú Cultural, Programa Hélio Oiticica.

Como nas linhas labirínticas do Castelo de Kafka, “o desejo passa evidentemente por todas essas posições e esses estados, ou, antes, segue essas linhas: o desejo não é forma, mas processo, procedimento” (Deleuze e Guattari, 2017), como aspecto de pura criação. O Éden-Castelo-Máquina-Toca deriva em uma multiplicidade de entradas e saídas para a produção de mundos outros, cria e recria linhas de fuga em um fluxo contínuo de experimentação na relação espectador-obra.

Entrar, sair da máquina, estar na máquina, percorrê-la, aproximar-se dela, ainda faz parte da máquina: são os estados do desejo, independentemente de toda interpretação. A linha de fuga faz parte da máquina. No interior ou no exterior, o animal faz parte da máquina-toca. (Deleuze & Guattari, 2017)

No cruzamento com a educação, o corpo pode ser potencializado para a além da sua capacidade cognitiva ou racional, com a experiência supra sensorial produz conhecimento no

campo do sensível, do vivido com a potência das sensações.

Há um corpo a ser lembrado dentro das salas de aula, nos corredores das escolas, atrelado as engrenagens da grande máquina de ensino, onde máquinas menores atuam na produção anárquica do desejo, mesmo que de forma invisível. Segundo Deleuze e Guattari (2010), “o que define precisamente as máquinas desejanter é o seu poder de conexão ao infinito, em todos os sentidos e em todas as direções”, o corpo, por sua vez, compõe um bloco de sensações de sentidos corporais e imaginários que forjam um conhecimento guiado pela percepção do ambiente e das relações que se tecem com o outro e com o mundo.

Portanto, ao tecer uma aproximação entre o Penetrável Éden e os (des)territórios da educação, o que se propõe é um processo de expansão do corpo para uma dimensão múltipla do sensível. Ao formar um corpo, processos de aprimoramento, regulação padronização de gêneros e existenciais são projetados sobre ele. Em contrapartida, um corpo em deformação tende a multiplicar as possibilidades vida-criação, produz ramificações e fluxos molares e moleculares, singularizado em micro-multiplicidades desejanter. É com essa perspectiva que nasce a instalação Mundo-Abrigo, uma proposição de experimentação livre e supra sensorial, pensada para os devires do corpo-criação em processos menores de aprendizagem, de produção de conhecimento, de experiências existenciais, sentidos e afetações com arte na educação.

Proposição mundo-abrigo, uma experiência corpóreo-existencial na educação

A proposição Mundo-Abrigo aconteceu durante o V Colóquio do grupo de pesquisa Anarkhos – sentidos e performatividades, nos dias 1 e 2 de junho de 2023. A instalação foi integrada ao circuito artístico-experimental proposto pelo evento e contou com a participação de estudantes universitários no primeiro dia de exposição e de alunos secundaristas, no segundo dia. O grupo Anarkhos, em sua essência, propõe a ocupação artística, performática e política de todo o espaço da universidade, no entanto, mundo-abrigo estende a sua característica interventiva para a criação de uma zona heterotópica subversiva de ocupação e resignificação de estruturas e configurações educacionais engessadas que desprezam o corpo.

O ambiente ocupado pela instalação se chama Espaço Tuíra, fica localizado no centro do campus universitário do Tocantins, de Cametá, abrigando grande parte do trânsito local, onde acontecem exposições, expressões artísticas-culturais, socialização e tecitura de redes de afetos e conhecimentos. Para compor a instalação utilizamos diferentes materiais, como tecidos e parangolés, areia da praia, instrumentos musicais, tintas, papeis, redes, bancos e mantas que serviam de local de descanso e lazer.

Figura 2. Montagem da instalação Mundo-Abrigo, inspirada pela arte ambiental de Hélio Oiticica.



Fotos: acervo da autora, 2023.

Assim como Éden, é uma proposição de experimentação livre, a partir das suas ideias e percepções de arte, corpo e criação é possível pensar o ambiente educacional como um espaço para a experimentação em que o lazer se torna produção, desafogando os sentidos dos processos de massificação e potencializando a transformação que acontece de dentro para fora, por caminhos sensíveis trilhados na imanência do corpo em experimentação.

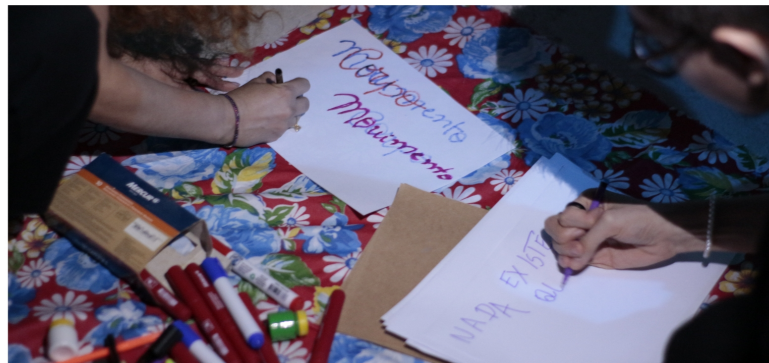
À noite a atmosfera do ambiente se tornou outra, as luzes coloridas se intensificaram, as luzes alaranjadas do poste atravessavam as frestas dos tecidos, a projeção de vídeo ficou mais nítida e o som do rio se alinhava com o vento frio que anunciava a chuva da madrugada. A rede logo foi tomada, um corpo cansado da correria do dia se deitou e embalou, parou para contemplar a vitalidade do ambiente que havia sido planejado e trabalhado durante dias, mas agora estava preenchido de vida e tinha outra energia. Os instrumentos musicais começaram a ser tocados, havia tambor, pau de chuva, ukulele, kabuletê e chocalhos que deram ritmo à experimentação, formaram-se rodas em torno do som, movimentos, danças, passos e risos que se encontravam, preenchiam o ambiente e se expandia para os corredores da universidade.

Em meio aos tecidos havia um canto em que os participantes podiam sentar no chão e desenhar, pintar ou escrever nas folhas em branco com tintas e canetas coloridas, não eram dadas instruções sobre o que fazer, eles apenas sentavam e esboçavam sentimentos, ideias,

poéticas, fantasmagorias que ecoavam naquele momento. Alguns foram colados no mural improvisado com tecido e grampeador de papel, outros foram levados pelos autores como lembrança do momento vivido. Oiticica (1986) destaca que o suprasensorial na arte não está relacionado somente ao palpável, ao concreto na plasticidade artística-criadora, mas aos exercícios criativos como proposições abertas ao participante:

São dirigidas aos sentidos, para através deles, da “percepção total”, levar o indivíduo a uma “supra sensação”, ao dilatamento de suas capacidades sensoriais habituais, para a descoberta do seu centro criativo interior, da sua espontaneidade expressiva adormecida, condicionada ao cotidiano. (Oiticica, 1986)

Figura 3. Instalação mundo-abrigo, 2023.



Fotos: Rudyeri Ribeiro, 2023.

Figura 4. Instalação Mundo-Abrigo, 2023.



Fotos: da Autora, Fernando Muniz e Rudyeri Ribeiro, 2023.

Alvarez e Passos (2009) ressaltam que “cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele”, portanto, as tramavivências partilhadas no interior da instalação constituem experiências que coexistem como forças transformadoras que engajam umas às outras no processo rítmico de criação, não como algo a ser descrito ou dominado, mas vivenciado em sua totalidade.

"Há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo." (Deleuze e Guattari, 1997)

O segundo dia de evento do Anarkhos promoveu pela manhã oficinas sobre arte, escrita, literatura, feminismos, etc., que aconteciam paralelamente umas às outras, em diferentes salas do campus universitário. As oficinas contaram com a participação de alunos do ensino médio da rede pública de ensino, convidados por professores e professoras, bolsistas e mestrandos que colaboraram e produziram resultados para as suas pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa Anarkhos e tiveram parte da dinâmica realizada na instalação mundo-abrigo.

Figura 5. Segundo dia de evento do Anarkhos, ocupação artística da instalação Mundo-Abrigo.



Fotos: Rudyeri Ribeiro, 2023.

O espaço Tuíra incorpora outra forma de operar no espaço-tempo educacional, agenciando conhecimentos e multiplicidades que produzem, antes de tudo, vivências e experiências. São aprendizados que convocam o corpo à transformação, eis o sentido de ensinar-aprender em mundo-abrigo. O labirinto de sons, sensações, toques e visões desterritorializa o aluno do ensino médio para a universidade e a universidade se metamorfoseia em múltiplas entradas e saídas possíveis para o encontro que acontece entre diferentes formas pedagógicas.

As conexões são indeterminadas no interior do mundo-abrigo, entre o sentir-viver-experimentar, e...e...e..., entrar por caminhos outros e provocar terremotos no solo educacional, cartografar as possibilidades de criação que surgem desse processo, propor... propor... os encontros entre corpo-arte-educação são múltiplos e a metamorfose é iminente. Ao tramar com a cosmovisão de arte de Hélio Oiticica a percepção de corpo como um elemento vivo na educação, somos provocados a pensar em territórios móveis e articulados para a criação de condições de vida que emergem deste campo quando são potencializados com a arte.

Considerações Finais

Nos territórios do educar, o corpo sempre encontra múltiplas entradas com arte, seja com a dança, com a cultura, as artes plásticas, audiovisuais ou literárias. O fazer artístico atravessa os corpos como afirmação de que os devires artísticos-educacionais precisam ser vividos corporalmente, em plena frequência existencial. Com essa perspectiva, é idealizada e experimentada a instalação Mundo-Abrigo, inspirada pela arte ambiental de Hélio Oiticica.

A partir dessa proposição de arte instalada na Universidade Federal do Pará, campus do Tocantins, Cametá, são tramadas vivências, criações, *perceptos* e *afectos* corpóreo-existenciais que possibilitam a potencialização de uma dimensão supra sensorial do corpo com a arte na educação, dando origem a corpos que fabulam e criam mundos, perspectivas e pedagogias outras na educação. São corpos dissidentes que se inclinam ao experimental como afirmação de vida e, quando potencializados, desafiam e irrompem com as regras, os padrões e diferentes formas de opressão. Desse modo, a instalação mundo-abrigo instaura no educar possibilidades de existir, aprender e ensinar por meio do corpo, pelas vias clandestinas do desejo, com a sensibilidade captura as subjetividades e opera coletivamente na transformação dos espaços e da educação.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. Em: **PISTAS DO**

MÉTODO DA CARTOGRAFIA Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.

Org. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia - Porto Alegre: Sulina, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Acerca do ritornelo. Em **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia, v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____ **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Coleção TRANS – São Paulo: Editora 34, 2010.

_____ **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva – 1. Edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

OITICICA, H. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.